

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

**Correspondência ao Autor**

**Nome:** Hamilcar Silveira Dantas Junior

**E-mail:**

hamilcar72@academico.ufs.br

**Instituição:** Universidade Federal de Sergipe, Brasil

**Submetido:** 06/11/2021

**Aprovado:** 03/07/2022

**Publicado:** 27/04/2023

 10.20396/rho.v23i00.8667483

**e-Location:** e023002

**ISSN:** 1676-2584

**Como citar ABNT (NBR 6023):**

DANTAS JUNIOR, H. S. Os encontros com Hollywood nas andanças por Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial: o cinema como experiência educativa.

**Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p. 1-7, 2023.

**DOI:**

10.20396/rho.v23i00.8667483.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8667483>. Acesso em: 27 abr. 2023.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



MAYNARD, A. S. C. **De Hollywood a Aracaju: antinazismo e cinema durante a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Autografia; Recife: EDUPE, 2021.

## OS ENCONTROS COM HOLLYWOOD NAS ANDANÇAS POR ARACAJU DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O CINEMA COMO EXPERIÊNCIA EDUCATIVA



**Hamilcar Silveira Dantas Junior\***

Universidade Federal de Sergipe

A seletividade da memória nem sempre nos permite acessar as lembranças que constituíram nossa existência, as experiências construídas e vivenciadas, as trocas e convívios sociais estabelecidos ao longo de nossa vida. Nesse processo, a ida à escola torna-se um divisor de águas na nossa inserção social. A escola é o espaço do aprender formal, sobretudo o espaço do aprendizado da convivência democrática. O espaço no qual descobrimos pessoas com cores, cabelos, modos de falar, de pensar, de se locomover, de aprender, diferentes. Todavia, é o primeiro espaço longe de casa no qual somos institucionalizados: seguimos rotinas, normas, disciplinas e modos de ser, sentir e existir.

Toquinho e Elifas Andreato (1997) compuseram assim essa dinâmica social: “Quando a gente cresce um pouco é coisa de louco o que fazem com a gente: Tem hora pra levantar, hora pra se deitar, pra visitar parente. Quando se aprende a falar, se começa a estudar, isso não acaba nunca.” Nos recônditos de nossa memória, quantos de nós se lembram desse momento? Assim se dá com todos os processos de institucionalização e inserção nos diversos campos e instituições sociais. Quantos lembram de sua primeira ida à igreja, ao estádio de futebol, às ruas do centro da cidade, ao cinema? Todas essas idas envolvem os mesmos procedimentos ritualísticos e institucionalizados. Os horários, as formas de se vestir, de se portar, de interagir com os outros.

Tais reflexões me surgiam à medida em que lia o livro de Andreza Santos Cruz Maynard (2021), “De Hollywood a Aracaju: antinazismo e cinema durante a segunda guerra mundial.” Me surgiam, não por ter vivenciado o período da segunda guerra, não por ter habitado a Aracaju dos anos 1940. Me surgiam enquanto rememorava minhas andanças e descobertas por Aracaju nos anos 1980 e 1990. Minhas idas ao cinema, a ritualística de escolha do filme, da melhor roupa, do ato de juntar dinheiro por meses para garantir o ingresso, do ato de recortar os pequenos cartazes em preto e branco que eram publicados nos jornais que meu pai lia. De igual modo, me suscitava a percepção do quanto o cinema me ensinou a ler e descobrir o mundo, do quanto me permitiu vê-lo com outras lentes. Refletia, conforme atesta Nóvoa (2008), que o cinema foi o grande pedagogo do século XX, uma instituição educativa por excelência.

O estudo de Maynard (2021) é um passeio pela história e pela memória, um convite às salas de cinema! Mas não um passeio memorialístico e floreado de mera nostalgia saudosista, mas um trabalho rigoroso que nos apresenta o desafio do enfrentamento das salas dos arquivos e o diálogo fecundo com reflexões teórico-metodológicas que embasam suas análises. Sua narrativa é plena de frescor pelo assento nas salas de cinema, contudo é uma narrativa que nos transporta aos medos de uma população na pequena capital sergipana ante os ecos e reflexos de uma guerra que parecia distante.

Debruçando-se sobre uma miríade de fontes que contempla periódicos locais e nacionais, documentos oficiais dos Estados Unidos, da República brasileira e do Estado de Sergipe, além de filmes exibidos em Aracaju durante a segunda guerra, Maynard (2021) submete-os a uma base teórica densa que busca as formas, os motivos, as representações do mundo social, seus símbolos e significados. Dialogam, portanto, Carlo Ginzburg, Roger

Chartier, Michel de Certeau, Marc Ferro, Alexandre Busko Valim entre outros, em uma narrativa fluída, poética e convidativa. Não basta conhecer a História, a autora nos transporta à Aracaju dos anos 1940, nos joga em meio às suas ruas, instituições, inclusive os cinemas, nos imergindo no cotidiano de alegrias, frustrações, ansiedades e medos da população diante dos horrores da guerra que chegava às costas do Estado de Sergipe.

O livro é dividido em quatro capítulos. No primeiro, “Aracaju sob o impacto da segunda guerra mundial”, Maynard (2021) nos apresenta a pequena Aracaju, que ainda não completara 100 anos de fundação. Uma cidade que se pretendia moderna, conforme seu projeto modernizante de cidade planejada com ruas retas entrecruzadas, misturando os casarios grandiosos, os palácios oficiais e as casas mais humildes. Comércio, escolas, hospitais, prédios da administração pública, templos religiosos de diversos matizes, espaços de lazer que iam dos bares aos prostíbulos passando pelos cinemas (Rio Branco, Guarany, São Francisco, Rex, Vitória). Uma cidade pulsante que, em 1942, acompanhava pelo rádio e pelos jornais impressos, notícias de uma guerra distante, travada do outro lado do Atlântico, na Europa. O passeio aprazível de Maynard (2021) vai preparando o terreno para refletir, primeiro sobre a posição de neutralidade do Brasil diante da guerra para depois descrever, com rigor de fontes e uma narrativa tensa, os torpedeamentos de navios de cabotagem na costa sergipana. As centenas de mortos (homens, mulheres e crianças) que chegam às praias sergipanas, os tripulantes jamais encontrados certamente sepultados no fundo do mar junto com os navios, bem como o salvamento dos poucos sobreviventes, enchem Aracaju de medo e horror. A guerra não podia mais ser ignorada, a população exigia, ainda que apavorada, uma resposta oficial. *Pari passu*, os efeitos da guerra também se faziam sentir nos treinamentos públicos para ataques aéreos, nos blecautes periódicos nas cidades, sobretudo na carestia do custo de vida. Nesse misto de aspirações e tensões, Aracaju não podia parar.

Chega-se ao segundo capítulo da obra, intitulado “Os cinemas em Aracaju durante as décadas de 1930 e 1940”. Maynard (2021) suspende por instantes a narrativa dos horrores da guerra em Aracaju para preparar o terreno do diálogo entre Cinema e História. Para tanto, dedica-se a descrever os estabelecimentos regulares, exibidores de filmes desde a década anterior, seu funcionamento durante a guerra e a relação da população aracajuana com esses espaços. Desde sua primeira exibição em Aracaju, no ano de 1899, no teatro São José, o cinema passou a ser percebido como uma diversão moderna, “um bombardeio de estímulos”, junto com os teatros e os circos. A fundação do Cine Teatro Rio Branco em 1913 tornou-se um marco para Aracaju. Situado na principal rua do centro da cidade, a Rua João Pessoa, era um prédio majestoso que se tornaria um signo distintivo de classe. Ir ao Rio Branco demarcava o bom gosto e o poder aquisitivo do seu público. Os demais cinemas da cidade foram surgindo, em lugares distintos, abrindo os horizontes da população para os espetáculos cinematográficos e oportunizando um acesso mais popular a essa diversão.

Tomando por base documental, os relatos dos periódicos sobre os hábitos de frequência ao cinema e as ações da população aracajuana nesses espaços de convívio social, Maynard (2021) destaca os campos de tensões e os conflitos de classe presente nas exibições:

enquanto a população se divertia, também havia desordem, burburinhos e confusões. Na sala escura todos eram anônimos e os policiais e órgãos de censura não conseguiam conter todos os impulsos e desejos.

No tempo da segunda guerra, os cinemas de Aracaju continuavam a ser o principal espaço de divertimento da população. No entanto, agora também um espaço informativo, posto que os cinejornais estrangeiros se tornavam de assistência obrigatória para se compreender o que acontecia no palco da guerra e seus desdobramentos. Logo, os filmes passados na guerra ocupariam as telas de Aracaju e o imaginário da população.

O terceiro capítulo, “Censura e segunda guerra na programação dos cinemas aracajuanos”, investiga as ações da censura oficial na programação dos cinemas aracajuanos, principalmente no que tange aos impactos da segunda guerra no cotidiano citadino. Problematizando os periódicos enquanto fontes documentais, Maynard (2021) inicia explorando as ações do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939, presidido pelo sergipano Lourival Fontes e órgão porta-voz do Estado Novo. O DIP coordenava a propaganda nacional oficial, principalmente por meio de sua Divisão de Cinema e Teatro (DCT) que gerava um cinejornal permanente, divulgava e incentivava a produção nacional de filmes, além de censurar e proibir filmes que não coadunassem com o projeto político vigente. Auxiliava o DIP, o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP/SE) que deveria estimular a exibição de filmes nacionais, mas que, pela pouca efetividade na fiscalização, garantia apenas a exibição dos cinejornais.

Nesse aspecto, cabe considerar a escassez da produção cinematográfica nacional à época. Maynard (2021) identifica que, entre 1939 e 1945, apenas 18 filmes brasileiros foram exibidos nos cinemas aracajuanos. Já era evidente o poder da indústria hollywoodiana na programação dos cinemas, majoritariamente exibindo filmes estadunidenses de diversos gêneros. Aliando-se a esse dado, em meio à comoção dos torpedeamentos e a entrada do Brasil no esforço de guerra contra os países do Eixo, o DEIP/SE participou de iniciativas do Comitê da Coordenação dos Negócios Interamericanos que, ao longo do ano de 1944, enviou a Sergipe filmes de 16 mm (informativos sobre a guerra, filmes de animação e filmes educativos) e equipamentos de projeção para serem exibidos à população. O DEIP/SE utilizou largamente esses filmes no Cine Rio Branco, como também em outros órgãos públicos como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Palácio do Governo, Quartéis do Exército, Força Policial e Corpo de Bombeiros, além de órgãos de ensino.

Até esse momento de parceria ostensiva entre Brasil e Estados Unidos, a programação dos cinemas aracajuanos, conforme desvela o estudo de Maynard (2021), denotava uma neutralidade ante o conflito bélico. Apesar da predominância dos filmes hollywoodianos, também circulavam com ampla aceitação da população, filmes alemães, italianos, japoneses, franceses e ingleses. A aproximação entre os dois países fez com que o DIP proibisse a exibição e filmes alemães em território nacional, enquanto Hollywood girava a indústria para a produção de filmes que tematizassem a guerra contra as nações do Eixo. Maynard (2021) aponta o filme “Um yankee na RAF” (*A yank in the RAF*), dirigido por

Henry King em 1941, como um divisor de águas nesse movimento. Sua exibição nos cinemas de Aracaju, no primeiro semestre de 1942, foi amplamente celebrado pelo público. A dupla de artistas protagonistas, Tyrone Power e Betty Grable, sua narrativa realista da guerra, demonstrando Londres destruída pelos bombardeios nazistas, pontilhada pelo romance do casal atraía as atenções. Não obstante, os filmes ainda não eram claramente antinazistas, assim como o sentimento brasileiro também não o era. Os torpedeamentos dos navios na costa sergipana mudariam essa posição e os cinemas refletiriam esse sentimento.

No último capítulo, “Cartaz de hoje’: filmes antinazistas em Aracaju”, se desvela o momento em que, finalmente, o nazismo seria retratado, a partir de suas roupas, símbolos e ações, como o inimigo externo a ser combatido. Hollywood exporta intensivamente o sentimento antinazista e a autora reflete sobre a exibição desses filmes em Aracaju e a receptividade da população aos mesmos. Utilizando Michel de Certeau como referencial para dar ênfase à transformação cultural processada pelo público receptor do filme, Maynard (2021) explora com agudeza e sensibilidade, as formas pelas quais os filmes foram vistos, lidos e aprendidos pelo público aracajuano. Para tanto, realiza um levantamento de 17 filmes acentuadamente antinazistas, exibidos em Aracaju, entre 1942 e 1945, se dedicando a descrever e discutir a recepção de três desses filmes antinazistas que estrearam em Aracaju no ano de 1942: “Confissões de um espião nazista” (*Confessions of a nazi spy*), dirigido por Anatole Litvak, em 1939; “Tempestades d’alma” (*The mortal storm*), dirigido em 1940 por Frank Borzage; e “O grande ditador” (*The great dictator*), de Charles Chaplin, dirigido em 1940.

“Confissões de um espião nazista” foi a primeira produção antinazista, capitaneada por uma das *majors* hollywoodianas, a Warner Bros, reunindo em sua equipe um cineasta alemão, consagrado e antifascista, Anatole Litvak, além de astros com histórico de militância, junto à Liga Antinazista de Hollywood, como Paul Lukas e Edward G. Robinson. Ficou proibido no Brasil por três anos, face à política de neutralidade varguista, sendo exibido apenas em 1942. Segundo Maynard (2021, p. 204), como atestam os periódicos aracajuanos, “Confissões de um espião nazista” foi propagandeado como “[...] o filme que Hitler daria tudo para destruir.” Os jornais se aproveitavam do momento de angústia, de repulsa que os torpedeamentos haviam provocado nos aracajuanos. Nesse momento, para além da narrativa hollywoodiana de glorificação do protagonista estadunidense que lutava contra o nazismo, impunha-se a compreensão do nazista como inimigo, como ser a odiar e combater, o que tornou o filme, efetivamente, um projeto antinazista.

“Tempestades d’alma”, outra produção de um grande estúdio, a Metro Goldwyn-Mayer, também foi glorificada nas notícias dos jornais como “[...] a história de criaturas vítimas do terrorismo nazista.” (MAYNARD, 2021, p. 226). Ao público aracajuano somavam-se ao sentimento antinazista, os interesses pelos grandes astros e os romances projetados na tela, mesmo os desafortunados pelo terror da guerra, no caso aqui, o romance entre as personagens de Margaret Sullavan e James Stewart. De igual modo, outro astro muito popular, Charles Chaplin com seu “O grande ditador” causava transtorno ao *Führer* e

era revelado nos jornais sergipanos como “O filme que Hitler proibiu em toda a Europa”. (MAYNARD, 2021, p. 235). Não obstante, o discurso final da personagem de Chaplin contra todo o tipo de tirania, podia ser lido como um ataque ao governo Vargas também, fato que produziu certa receptividade morna pelos resenhistas dos jornais aracajuanos.

Ao fim e ao cabo, Maynard (2021) consegue demonstrar, pela análise apurada das fontes, que os filmes antinazistas em Aracaju, ajudaram a solidificar uma memória pública sobre a segunda guerra mundial e seus participantes, percebendo a ação do nazismo como uma ofensiva nefasta aos anseios democráticos e civilizatórios.

Tomei a liberdade de ler o livro de Andreza Maynard (2021) sob o prisma de como o cinema é uma instituição educativa por excelência. Para tanto, conforme atesta a própria autora, “[...] concebo a cultura como um processo comunicativo e não como a totalidade dos bens produzidos pelo homem. As noções de linguagem (ou comunicação), representações e práticas constituem o universo de abrangência da História Cultural.” (MAYNARD, 2021, p. 17). Nesse caso, estabeleço um paralelo fulcral com a noção de educação/cultura como comunicação posta nas reflexões de Paulo Freire (1985): no mundo cultural e histórico, as relações de conhecimento entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível são sempre comunicacionais, nunca são extensionistas! O ato cognoscitivo só se completa pela ação intersubjetiva entre os dois agentes. Nesse sentido que tomei, a partir do estudo de Maynard (2021), os filmes como produtos culturais comunicantes são ressignificados pelo público à medida em que se intercambiam as experiências de exibição e assistência.

Fechando esse ciclo, a leitura do livro de Andreza Maynard me remeteu aos meus passeios, na década de 1980 e 1990, aos cinemas de Aracaju. Não havia mais guerra, a ditadura estava no fim e depois, oficialmente, encerrada. Parecia um tempo de tranquilidade (apesar da carestia e ir ao cinema era uma aventura). Certamente, a leitura me impulsionou a reencontrar na música de Toquinho a lembrança de que “[...] estudar não acaba nunca.” (TOQUINHO; ANDREATO, 1997). De igual modo ratificar que, para os apaixonados pela educação, pela História e pelo Cinema: não acaba nunca o desejo e prazer de fazer pesquisa histórica, de fazer dialogar História e Cinema, de ir ao cinema! Quero continuar aprendendo nessa aventura de enfrentar os perigos, choros, alegrias, emoções que a sala escura me apresenta!

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MAYNARD, A. S. C. **De Hollywood a Aracaju: antinazismo e cinema durante a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Autografia; Recife: EDUPE, 2021.

NÓVOA, J. Apologia da relação cinema-história. *In*: NÓVOA, J.; BARROS, J. D. (org.). **Cinema-história: teoria e representações sociais no cinema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. p. 13-40.

TOQUINHO; ANDREATO, E. Bê-a-bá. *In*: TOQUINHO. **Canção dos direitos da criança**. São Paulo: Movieplay, 1997. 1 Cd. Faixa 2.

**AUTORIA:**

\* Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor Titular da Universidade Federal de Sergipe. Contato: hamilcar72@academico.ufs.br

**COMO CITAR ABNT:**

DANTAS JUNIOR, H. S. Os encontros com Hollywood nas andanças por Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial: o cinema como experiência educativa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p. 1-7, 2023. DOI: 10.20396/rho.v23i00.8667483. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8667483>. Acesso em: 27 abr. 2023.